O TRONCO MACRO-JÊ: HIPÓTESES E CONTRIBUIÇÕES DE ARYON DALL'IGNA RODRIGUES

THE MACRO-JÊ STOCK: ARYON DALL'IGNA RODRIGUES HYPOTHESIS AND CONTRIBUTIONS

Andérbio Márcio Silva Martins
Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD, Dourados, MS, Brasil

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Universidade de Brasília, UNB, Brasília, Brasil

Maxwel Gomes Miranda
Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, Mato Grosso, Brasil

Lucivaldo Silva da Costa
Universidade Federal do sul do Pará, UNIFESSPA, Pará, Brasil

Lidiane Szerwinsk Camargos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, IFB, Brasília, Brasil

Resumo: Este artigo oferece um panorama da fundamental contribuição de Aryon Dall'Igna Rodrigues para a construção da hipótese linguística de um agrupamento genético, considerado o de maior profundidade temporal, muito provavelmente originário do Brasil, o tronco linguístico Macro-Jê.

Palavras-chave: Tronco Macro-Jê; Classificação das Línguas Indígenas do Brasil; Aryon Dall'Igna Rodrigues.

Abstract: This paper offers a panorama of Aryon Dall'Igna Rodrigues' fundamental contribution to the hypothesis of a linguistic genetic group, considered to be the one of greatest temporal depth, the Macro-Jê stock, which originated very probably in Brazil.

Keywords: Macro-Jê stock; Classification of Brazilian Indigenous languages; Aryon Dall'Igna Rodrigues.

Considerações Iniciais

Apresentamos, neste artigo, um breve histórico da construção da hipótese sobre a constituição do tronco Macro-Jê, proposta por Rodrigues (1986; 1990; 1996; 2002). Tomamos como base três dos importantes

trabalhos produzidos por ele: **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas** (1986), **Macro-Jê** (1999) e **Para o estudo histórico-comparativo das línguas Jê** (2002). Neste último, Rodrigues apresenta as propostas iniciais de classificação sugeridas por diversos pesquisadores com relação às línguas da família Jê; nos demais, disponibiliza informações sobre a constituição do tronco Macro-Jê, assim como é compreendido pelo próprio autor. Consideramos também alguns dos principais trabalhos histórico-comparativos desenvolvidos nos últimos anos acerca desse agrupamento genético, dentre os quais, teses e dissertações elaboradas sob sua orientação - Martins (2011) e Camargos (2013) -, ou em co-orientação com Cabral - Martins (2007) e Silva Neto (2007). Consideramos também alguns dos estudos que realizou em colaboração com Cabral – Rodrigues & Cabral (2004; 2005; 2007; 2010) – e com Cabral e Correa da Silva – Rodrigues, Cabral & Correa da Silva (2006). O propósito é pôr em relevo algumas das importantes contribuições de Aryon Dall'Igna Rodrigues na formulação de sua hipótese de um tronco um tronco Macro-Jê e para a reconstrução do Proto-Macro-Jê.

Rodrigues (1999) propõe um tronco linguístico Macro-Jê constituído por doze famílias linguísticas: Jê, Kamakã, Maxakalí, Krenák, Purí, Karirí, Yatê, Karajá, Ofayé, Boróro, Guató e Rikbáktsa. Entretanto, com a cautela que lhe era peculiar, Rodrigues considerava essa sua hipótese uma **hipótese de trabalho em andamento** (grifo nosso), de forma que requereria mais estudos comparativos, os quais poderiam levar à identificação de um conjunto maior de evidências linguísticas para que sua consistência fosse testada e sua validade consolidada, assim como já foi feito com respeito ao tronco Tupí (RODRIGUES, 1986; RODRIGUES, 1999).

É considerando essa ponderação feita por Rodrigues que ressaltamos aqui a importância de sua hipótese (1986; 1999) para o aprimoramento da pesquisa e a ampliação do conhecimento das conexões genéticas que inter-relacionam línguas do tronco Macro-Jê, cuja localização tem sido atestada especificamente em território brasileiro. A hipótese de Rodrigues (1986; 1999) se tornou, no âmbito dos estudos Macro-Jê, não só uma proposta aceitável e promissora de agrupamento genético, mas também um desafio importante para sua avaliação, o que tem motivado outros pesquisadores a darem sequência aos estudos histórico-comparativos, trazendo resultados que, em sua maioria, têm reforçado a hipótese de um tronco Macro-Jê constituído de 12 famílias, desenvolvida por Rodrigues, ao longo de décadas.

A construção deste artigo se pauta na contribuição de Rodrigues para a compreensão do tronco Macro-Jê e na necessidade de informar

sobre o teor dos principais trabalhos histórico-comparativos que foram produzidos nas últimas décadas por pesquisadores que têm contribuído para a fundamentação de sua hipótese.

1 A construção da hipótese de um agrupamento genético: de Martius a Rodrigues

É o próprio Rodrigues (2002) que, empenhado em construir uma hipótese de um tronco Macro-Jê, com constituição interna específica, aborda os principais estudos classificatórios que contribuíram progressivamente para o estabelecimento da família linguística Jê e para a hipótese de um tronco linguístico Macro-Jê. Nesse estudo, elenca, por ordem temporal, as pesquisas que considerava significativas para a hipótese desse agrupamento genético-linguístico: Martius (1863; 1867), Von den Steinen (1886), Ehrenreich (1891), Brinton (1891), Rivet (1924), Schmidt (1926), Loukokta (1931; 1932; 1935; 1937; 1939; 1942; 1968), Guérios (1939), Mason (1950), Swadesh (1959), Davis (1966, 1968), Hamp (1969), Kaufman (1990, 1994), Rodrigues (1970; 1986; 1999), estes últimos correspondentes às suas primeiras publicações sobre o tronco-Macro-Jê de perspectivas históricas.

Rodrigues (2002, p. 280) põe em relevo o fato de que os estudos sobre as línguas relacionadas ao tronco Macro-Jê tiveram início com as observações feitas por Carl Friedrich Philipp Von Martius (1863; 1867), estudioso que contribuiu para a Etnografia e a Linguística da América, inclusive do Brasil. Além disso, atenta para o fato de que foi Martius quem criou o termo classificatório *Gez* ou *Crans,* considerando a frequência dessas sequências no final da forma sonora de diversos nomes de povos Jê: Apinagez, Crengez, Aponigricrans, Capucrans.

Rodrigues aponta, em seguida, a contribuição de Von den Steinen (1886), a qual consistiu, principalmente, na hipótese de grupo Tapuia que incluía os Botocudos (ou Krenák) e os Goitacás (que, para ele, eram os Makoní, os Kumanaxó e os Panháme), além de subdividir os Jê em três grupos: Jê do norte e do oeste, Jê cental e Jê oriental.

Quadro 1: Proposta de classificação de Von den Steinen (1886) para o grupo Tapuia

Jê do norte e do oeste	Jê central	Jê oriental
Karajá	Akroá-mirim	Kotoxó
Suyá	Xerénte	Kamakã
Apinajé	Xavánte	Masakará
Aponejikrã	Xikriabá	
Kayapó	Maxakalí	
Kraô		

Outro estudioso citado por Rodrigues, Paul Ehrenreich (1891), teria contribuído com uma tentativa de agrupamento linguístico que mais se aproximava da atual família Jê, proposta por Rodrigues (2002). Ehrenreich, como ressalta Rodrigues, classificou os Jê em dois grupos: Jê primitivos – com dois ramos – e Jê derivados – com três ramos:

Quadro 2: Proposta de classificação de Ehrenreich (1891) para os Jê primitivos

Ramo setentrional	Ramo meridional
Botocudo	Kamé
Kamakã	Kaingang
Pataxó	Bugre (= Xokléng)

Quadro 3: Proposta de classificação de Ehrenreich (1891) para os Jê derivados

Akroá	Kayapó	Akuén
Jaikó	Kayapó do norte (Mebengokré, Xikrín, etc.)	Xavante
Gogué (sem registro)	Kayapó do sul (Panará)	Xerénte
	Suyá	Xakriabá
	Apinajé	
	Krinkatí	

Seguindo as informações apresentadas por Rodrigues (2002, p. 280-281), a outra proposta de agrupamento foi feita por Brinton, em 1891 (mesmo ano de publicação do trabalho de Ehrenreich). Brinton afirma reconhecer um tronco linguístico Tapuya; no entanto, sua classificação segue simplesmente a ordenação das línguas Jê, incluídos o Botocudo, o Kamakã, o Korerú, o Kumanaxó, o Waitaká, o Malalí, o Masakará e o Purí.

Com respeito à posição geográfica, Brinton (1891) ensaia uma série de localizações equivocadas. O Waitaká foi considerado por ele como um sub-ramo que incluía o Kapoxó, o Koropó, o Kumanaxó, o Maxakalí, o Makuní, o Monoxó, o Panhame e o Pataxó. Também se referiu às línguas Tukáno como sendo um outro sub-ramo do Tapuya (RODRIGUES, 2002, p. 281).

Outro pesquisador a quem Rodrigues (2002) faz menção é Paul Rivet. Em sua obra, Rivet (1924) classificou as línguas da América do Sul e das Antilhas em 77 famílias e propôs a divisão da família linguística Jê em quatro grupos:

Quadro 4: Proposta de classificação de Paul Rivet (1924) para a família Jê

Jê oriental	**Jê Setentrional**	**Jê meridional**	**Jê Central**
Botocudo	Timbíra	Kaingáng	Kayapó
Kamakã		Ingaín	Akuɨm
Panháme			
Coroado			
Purí			

Já Wihelm Schmidt (1926) elaborou um novo agrupamento, o qual chamou de línguas Ges-Tapuya, dividindo-o em três conjuntos: línguas Jê, Botocudo ou Borun e Goytacá, sendo que, para as línguas Jê, estabeleceu três conjuntos, dando ênfase a informações de cunho geográfico (RODRIGUES, 2002, p. 281):

Quadro 5: Proposta de classificação de Schmidt (1926) para as línguas Jê

Do norte e do oeste	Do sul	Do leste
As línguas kayapó (Suyuá, Kayapó, Krahô, Apinajé, Aponejikrã, Kapiekrã, Timbíra, Canela e Krenjés.	Línguas do interior (Bugre de S. Catarina, Kaingang do rio Ivaí e Kamé).	Uma parte do norte (Kamakã, Menién, Kotoxó e Masakará).
Akué (Xavánte, Xerénte, Xikriabá, Jaikó e Akroá-mirim).	Uma língua da costa (Malalí).	Uma parte do sul (Maxakalí, Kapoxó, Kumanaxó, Panháme, Pataxó e Makoní).

Ainda conforme Rodrigues (2002, p. 281), antes da proposta de Mason (1950), um pesquisador importante para os estudos de famílias linguísticas supostamente relacionadas ao tronco Macro-Jê foi Chestmir Loukotka (1931; 1932; 1935; 1937; 1939; 1942; 1944; 1968). Loukotka excluiu da família Jê as línguas Jê orientais de Von den Steinen (Kotoxó, Kamakã, Masakará) e de Paul Rivet (Botocudo, Kamakã, Panháme, Coroado e Purí). Além disso, excluiu também as línguas do ramo setentrional dos Jê primitivos de Ehreinreich (Botocudo, Kamakã, Pataxó), com as quais constituiu as famílias Maxakalí (LOUKOTKA, 1931), Kamakã (LOUKOTKA, 1932), Coroado (LOUKOTKA, 1937), Pataxó (LOUKOTKA, 1939) e Botocudo (LOUKOTKA, 1942), mas manteve o Kaingáng e línguas mais estreitamente afins a este dentro da família Jê.

No entanto, em 1935, Loukotka reviu sua classificação e decidiu separar também o Kaingáng das línguas afins, propondo uma família Kaingáng. A partir de seus próprios estudos e dos estudos anteriores, em 1942, na sua classificação das línguas da América do Sul, considerou um tronco formado por oito famílias: Jê, Ofayé, Kaingáng, Purí, Maxakalí, Pataxó, Krenák e Kamakã, nomeando o tronco de Tapuya-Jê. Rodrigues (2002) ressalta que essa classificação é a primeira proposta mais clara da existência do que hoje chamamos de tronco Macro-Jê.

Rodrigues (2002, p. 281) destaca também a contribuição de Mansur Guérios, um dos primeiros a realizar estudos de Linguística histórica comparativa no Brasil, conforme Cabral et al (2014). Guérios (1939) demonstrou correspondências lexicais entre a língua Boróro e duas línguas

Jê setentrionais, Timbíra (Merrime) e Kayapó, em seu estudo intitulado *O nexo linguístico bororo-merrime-caiapó.*

Rodrigues (1999) informa que Mason (1950) propôs o nome Macro-Jê para um conjunto de línguas faladas no Brasil que, na época, ele acreditava estarem relacionadas à família Jê. No entanto, já sabemos que, antes da denominação Macro-Jê dada por Mason, Schimdt (1926) empregou o nome Ges-Tapuya, e Loukotka (1942; 1944), o nome Tapuya-Jê, sempre com o mesmo sentido: línguas que tinham traços em comum com as já conhecidas línguas Jê.

A proposta de Mason (1950) incluía nove famílias: Jê, Kaingáng, Kamakã, Maxakalí, Purí, Pataxó, Malalí, Koropó e Botocudo. Tal classificação diferencia-se da de Loukotka (1942), pois Mason excluiu o Ofayé e apresentou, como duas famílias, o Purí e o Koropó (ambos da família Coroado de Loukotka). Além disso, considerou o Maxakalí e o Malalí como sendo línguas de famílias diferentes (ambas consideradas por Loukotka como fazendo parte da família Maxakalí).

Em relação à família Jê, Mason (1950) estabeleceu três seções principais: Noroeste, Central e Nordeste. Na seção Noroeste distinguiu três grupos: Timbíra, Kayapó e Suyá (RODRIGUES, 2002, p. 282):

Quadro 6: Proposta de classificação de Mason (1950) para as línguas Jê da seção Noroeste

Timbíra	Kayapó	Suyá
Timbíra Ocidental	Kayapó do Norte	Suyá
Timbíra Oriental	Kayapó do Sul	

Conforme Rodrigues (2002), na seção Central, Mason (1950) distinguiu dois grupos: Akwén e Akroá e, na seção Nordeste, ele inseriu somente a língua Jaikó.

Quadro 7: Proposta de classificação de Mason (1950) para as línguas Jê da seção Central

Akwén	Akroá
Xakriabá	Akroá do norte
Xavánte	Akroá do sul
Xerénte	Gogué

Rodrigues (1999) avalia que essa possível relação genética entre tais línguas é uma das hipóteses de um tronco Macro-Jê que tem variado muito de pesquisador para pesquisador: Nimuendajú (1945) considerou o Malalí uma família independente, ao contrário de Mason (1950), que incluiu o Malalí ao Macro-Jê, assim como a língua Koropó, embora, em sua classificação, tenha deixado de fora as línguas Ofayé e Yatê, sendo que esta também foi excluída por Loukotka (1942) do suposto tronco Macro-Jê.

Em 1959, Maurício Swadesh publicou uma classificação das línguas americanas distribuídas por zonas geográficas:

Quadro 8: Proposta de classificação de Swadesh para línguas indígenas americanas (1959)

Zona sueste	Zona sul	Zona sudoeste
Complexo Kaingáng-Jê	Macro-Coroado (Coroado ou Purí, Fulnió ou Yaté e Maxakalí	Ofayé que está no complexo macro-Samuko.
Boróro-chiquito	Complexo Macro-Karíb (Karíb, Tarumá e Hirahara)	
As famílias Aimoré (Krenák)	A família Karirí e a língua Guató	

Rodrigues (2002) relata que Swadesh (1959), além de não classificar o Pataxó, toda a sua análise teve como base as suas explorações léxico-estatísticas e glotocronológicas.

Aproveitamos aqui para ressaltar que uma das grandes contribuições aos estudos comparativos dentro do tronco Macro-Jê foi também realizada por Davis (1966; 1968). Em seu primeiro estudo, o de 1966, comparou 112 itens lexicais entre cinco línguas: Apinajé, Canela, Suyá, Xavánte e Kaingáng. Através da comparação, constatou que o Kaingáng faria parte da família Jê, desconsiderando a hipótese de que este formaria, sozinho, uma família linguística. O outro trabalho importante de Davis é o de 1968. Nesse estudo, ele estabeleceu uma comparação de itens lexicais do Maxakalí e do Karajá com o resultado da reconstrução de itens lexicais produzidos no trabalho de 1966 sobre a família Jê. Davis (1968) demonstra que 67 itens lexicais de sua lista produzida em 1966 possuem aproximação genética com as línguas Maxakalí e Karajá. Ele demonstrou ainda, através de correspondências

fonológicas regulares, que Jê, Maxakalí e Karajá, compartilhavam não só de características em comum entre elas, mas também entre o Boróro, o Yatê e o Tupí.

Dando continuidade à breve apresentação dos estudos comparativos, podemos citar o trabalho de Gudschinsky (1971), no qual a autora compara o Ofayé com a reconstrução do Proto-Jê de Davis (1966), sugerindo que o Ofayé seja realmente uma língua do tronco Macro-Jê.

Em 1973, Boswood publica um estudo demonstrando a possibilidade de inclusão do Rikbáktsa no tronco Macro-Jê. Seu trabalho pauta-se na comparação do Rikábktsa (língua falada no extremo norte do Mato Grosso) com o proto-Jê de Davis (1966). Através de algumas evidências no campo do léxico (46 cognatos), Boswood sugere a inclusão do Rikbáktsa no tronco Macro-Jê. Dois pontos do estudo de Boswood devem ser ressaltados aqui. O primeiro é o fato de utilizar, assim como Davis, o método léxico-estatístico criado por Swadesh. Com esse recurso, Boswood (1973) demonstra que há apenas 38% de correspondências entre os itens lexicais do Rikbáktsá com os 112 itens lexicais reconstruídos por Davis (1966) para o Proto-Jê. O segundo ponto refere-se ao fato de Boswood considerar os cognatos do Rikbáktsa como reflexos das proto-formas sugeridas por Davis. Tal análise força a interpretação de que o Rikbáktsa teria derivado da família Jê em uma maior profundidade temporal.

Na década de 1980, Rodrigues aprofunda a sua hipótese de uma constituição específica para o tronco Macro-Jê, e, em 1986, incluiu o Karirí e o Guató como famílias independentes desse tronco, além de propor a inserção do Pataxó na família Maxakalí, não mais considerando-o como uma língua que formaria sozinha uma família, como havia sido proposto por Loukotka (1942; 1944). A família Maxakalí, segundo a proposta de Rodrigues (1986), recebeu ainda mais um membro – o Malalí –, o qual havia sido excluído por Nimuendaju (1945) do tronco, mas havia sido incluído por Mason (1950) com o *status* de família.

Rodrigues, partindo dos estudos já produzidos anteriormente sobre a proposta de um tronco Macro-Jê, apresentou a sua primeira concepção do tronco, em 1970, no livro **Índios do Brasil**, de Júlio César Mellatti, e, em 1972, na **Grande Enciclopédia Delta-Larousse**, além da publicação de algumas indicações sobre regularidades nas correspondências fonológicas, em 1986, no livro **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**.

Em 1987, Greenberg considerou que todas as línguas ou famílias linguísticas mencionadas nos estudos referidos anteriormente, com

exceção do Karirí, fariam parte do tronco Macro-Jê. Greenberg (1987) ainda acrescentou ao tronco as línguas Chiquito, Otí e Jabutí, mesmo não havendo dados suficientes na época para atestar a inclusão dessas línguas (RODRIGUES, 1999).

Na última década do século XX, Terence Kaufman (1990) propôs uma classificação das línguas nativas da América do Sul para o **Atlas das Línguas do Mundo**, organizado por R. E. Asher e C. Moseley. Em seu ensaio classificatório, Kaufman distribuiu as línguas em doze seções, das quais IX e X se referem às línguas orientais e do nordeste do Brasil. Na seção IX, estão quase todas as línguas do tronco Macro-Jê: Jê, Boróro, Kamakã, Maxakalí, Purí, o complexo linguístico Aimoré (Krenák), a área linguística Karajá e as línguas Rikbáktsa, Jaikó, Yatê, Ofayé e Guató. Na seção X, colocou o Karirí (RODRIGUES, 1999).

No capítulo intitulado *Macro-Jê*, do livro organizado por Dixon e Aikhenvald (1999), Rodrigues apresenta características fonológicas e gramaticais de línguas das famílias que, na sua hipótese, formariam o tronco *Macro-Jê*. As doze famílias consideradas por Rodrigues, como já informado, são as seguintes: Jê, Kamakã, Maxakalí, Krenák, Purí, Karirí, Yathê, Karajá, Ofayé, Boróro, Guató e Rikbáktsa.

Em seu estudo, Rodrigues (1999) disponibiliza 39 comparações lexicais, demonstrando regularidades nas correspondências fonológicas entre todas as famílias já mencionadas. Os resultados preliminares de seu trabalho apontam para a probabilidade de um efetivo relacionamento genético entre todas essas famílias. Além disso, ensaia uma relação de proto-fonemas a partir dos reflexos encontrados nas línguas comparadas[1]:

1. *'braço'* - Ia pã : Ib pa : Ic pa : Id pɛ̃ : IV po : VI bo : VII fe : IX pɛ : XI pɔ́
2. *'flecha'* - Ic po : Id puŋ : II wãj : III poj : V pan, pun : VI buj-ku : VIII wɨhɨ : X bëiga.-pɨk : IV kra-pok : V kra-maŋ.
3. *'machado'* Ib krɅ̃-mɛŋ : Id mɛŋ : III kɨ
4. *'voltar'* - VI woro : VIII bɔrɔ : IX -hor : X porɨ
5. *'caiman'* - Ib mĩ-ti : II wɛj-e : III maʔãŋ, mãi : wai
7. *'beber'* - Ib kõm, k^{h}õ : tʃoʔop, tʃom : IV tʃop : V some : VII

[1] **I** – Família Jê: **Ia** – Jê do nordeste, **Ib** – Jê sententrional, **Ic** – Jê central, **Id** – Jê meridional; **II** – Família Kamakã; **III** – Família Maxakalí; **IV** – Família Krenák; **V** – Família Purí; **VI** – Família Karirí; **VII** – Família Yatê; **VIII** – Família Karajá; **IX** – Família Ofayé; **X** – Família Boróro; **XI** – Família Guató; **XII** – Família Rikbáktsa.

kʰo : VIII õ : X ku : XI ókɨ : XII ku

8. *'secar'* - Ib ŋrə : Ic ʔrɛ : VI kra : X kɨrewë
9. *'comer'* - Id rɔŋ (engolir) : VI do : VIII ro (comer carne) : IX rõ : XI ro
10. *'ovo'* - Ib ŋrɛ : Ic ʔre : Id krɛ̃ : II sa-kre : III kir : VIII θi : IX kɨtɛ : XI kʰɨ́ : XII kare.
11. *'olho'* - Ib nɔ, tɔ : Ic tɔ : II to : VII tʰo : VIII ruɛ
12. *'pé'* - Ia pɛno : Ib par : Ic para : Id pɛ̃n : II wad : III pata : IV pɔ : VI bi, bɨri : VII fe-he, fet- : VIII wa : IX par : X bɨre : XI àbɔ : XII pɨrɨ.
13. *'dar'* - Ib ŋõ : Ic tsõ : III hõm : IV -ũp, hum : VII ko : VIII õ : IX no
14. *'cabelo'* - Ia ʃe : Ib kĩ, kʰĩ : II ke : III tʃe : IV ke : V ke, tʃe : XI kɨ
15. *'cabeça'* - Ia krã : Ib krʌ̃ : Ic ʔrã : Id krĩ : II hero, xaro : IV krɛn : VIII ra : IX kɨtɛ : XII -hara-
16. *'ouvir'* - Ib ma : Ic wa-pa : Id mɛ̃ŋ : IV paw : IX paj : X meã-rɨdɨ
17. *'mel'* - Ib mɛŋ : Id mə̃ŋ : III paŋ : IV pəŋ : pɨk : IX pagua
18. *'eu'* - Ib i : Ic ʔi : Id ʔiŋ : III ʔɨk : VI hi : VII i : X i : XII ik
19. *'em'* - Id ki : VII ke : VIII ki : X gi
20. *'folha'* - Ia arã-tife : II ere : VI ærã : X arɨ, aro (folhinhas)
21. *'fígado'* - Ib ma : Ic pa : Id tã-mɛ̃ : III ta-ma-ŋaĩ : VIII ba : IX pa : XI pɛ
22. *'longo, comprido'* - Ib rɨ : Id rɨra : II roro : IV ron : VIII rɛhɛ : IX ra : X raire
23. *'milho'* - V makɨ, maekɨ : VI masiki, masitʃi : VII máltʃi : VIII maki : XII natʃi
24. *'mãe'* - Ia na : Ib nʌ̃ : Ic dã : Id nĩ : III tẽ, te, ta : V tã : VI de : VII sa : VIII na-di : X tʃe : XII je
25. *'monte'* - Id krĩ : II heri, kere : III ŋĩ-ktij
26. *'noite'* - Ic bãra : II hwera : V meri : IX mɛ:r
27. *'pênis, macho'* - Ia rẽ : VI ræ
28. *'bens'* - Ib õ : III õ, õŋ, jõŋ : VI u- : X o

29. *'curto'* - Id rur : VII hulija : X ro-gu
30. *'cantar, dançar'* - Ib ŋrɛ : Ic ʔrẽ : Id ŋrɛn : II gre : III ktɐj : IV ŋri : V ŋre : VII kʰlæ-tʃʰa : VIII θɛ : IX kirih : XII kari
31. *'pele, casca'* - Ib kʌ : Ic hə : II ka : III tʃaj, kaj : IV kat : VII kʰà-, tʃʰa : IX ha : X -ka
32. *'dormir'* - Ia rjõ : Ib ŋõr : Ic jõdõ : Id nõr : II jundũ, hondõ : III ŋõn, hõn, ʔõn : VI unu : VIII rõ : IX no, noro (sentar) : X nudu : XII uru
33. *'pedra$_1$'* Ib kɛ̃n, kʰɛn : Ic ʔɛ̃dɛ̃ : II kẽa : VI kro : IX kɛtɛh
34. *'pedra$_2$'* - Id pɔ : VII fòwa : XI àfó (solo)
35. *'sol'* - Ib mɨt : Ic bədə : VI bati (estrela) : VII fetʃa : X meri
36. *'a, para'* - Ib mã : Ic bã : Id mə̃ : VII ma : VIII bə̃
37. *'andar, ir'* - Ib mõ, mor : Ic bõ, bõri : Id mũ : II maŋ, mãn : III mõŋ : IV mũŋ, mũ : V mu, mon : VI wo : X meru
38. *'nós (incl.)'* - Ib pa- : Ic wa- : II pa-ŋike : VIII wa : X pa
39. *'você'* - Ib a- : Ic ʔa : Id ʔã : II a : III ʔã : IV a : VI e : VII a : VIII a : IX ɛ : X a : XII a.

Quadro 9 - Correspondências fonológicas e propostas de Proto-fonemas (RODRIGUES, 1999)

Famílias linguísticas												Proto-Macro-Jê	Exemplos
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII		
p	w	p	p		b	f	W	p	b	p	p	*p	1, 2, 12, 34
m/p	w	m/p	p				B	p/w	w	p		*mp	3, 5, 16, 17, 21, 26.
m	m	m	m	m	b	m	B		m			*m	35, 36, 37.
k/k^{h}	k	k/tʃ	k/tʃ	k/tʃ		k^{h}		k	k	k	k	*k	7, 14, 19, 31, 33.
kr	her	pt	kr				r	kɨt			har	*kr	15, 25.
ŋr	gr	kt	ŋr	ŋr	kr	k^{h}l	θ	kɨr	kɨr	k^{h}	kar	*ŋr	8, 10, 30.
r	r		r		r/d	l	r	r	r	r	r	*r	4, 9, 20, 22, 26, 27, 29.
ɔ	o	o	o		o	o	ɔ	o	o	o		*o	1, 4, 11, 34.
õ	õ	õ	ũ	o	u/o	o	õ	o	u/o		u	*õ	7, 13, 28, 32.
a	a	ã	a		e	a	a	ɛ	a	e	a	*a	21, 23, 38, 39.
à	a	a	o/ɔ		o/ɨ	e	a	ɛ/a	ɨ	ɔ	ɨ	*ɔ	1, 12.
ã		ẽ		ã	e	a	ə/a		e		e	*ã	24, 36.

Rodrigues (1999; 2001), para além da realização de um estudo comparativo no âmbito lexical, o que resultou na sistematização de correspondências sonoras regulares, identificou também evidências gramaticais que fortalecem a demonstração de relacionamento genético de línguas que compõem o que ele considerou como tronco Macro-Jê.

Dentre as propriedades morfológicas identificadas, Rodrigues (1999) ressaltou um morfema que teria como função, nas línguas analisadas (Panará, Timbíra, Ofayé, Kaingáng e Karajá), indicar a relação de dependência sintática entre determinante e determinado. Esse morfema é designado como marcador de contiguidade (CNT). Em contrapartida, com respeito ao prefixo que marca a ausência de um determinante sintático em um núcleo sintagmático, Rodrigues chamou-o de marcador de não-contiguidade (NCNT). Em outros textos (inclusive do próprio Rodrigues), esses morfemas são conhecidos como *prefixos relacionais*.

Embora o autor considere a existência de quatro tipos de prefixos relacionais encontrados em línguas do Tronco Tupí (principalmente na família Tupí-Guaraní) e em línguas da família Karíb, Rodrigues trabalha com a hipótese de existência de pelo menos dois morfemas no tronco Macro-Jê, *o prefixo 1* (ou relacional 1 = R^1 = CNT) e *o prefixo 2* (ou relacional 2 = R^2 = NCNT). As definições dadas por Rodrigues (2001) sobre os prefixos 1 e 2 são reproduzidas a seguir:

> Nas línguas em que há só dois prefixos, um destes, a que chamo aqui de *prefixo 1,* indica que o determinante está expresso nominalmente no sintagma de dependência e, assim, está adjacente ou contíguo, isto é, precede imediatamente ao determinado, que é o núcleo desse sintagma.
>
> [...] o *prefixo 2* indica [...] que o determinante foi removido do sintagma de dependência e, por isso, não precede imediatamente o respectivo núcleo, que é o determinado, e, assim, não lhe está estruturalmente contíguo, ainda que na superfície possa aparecer justaposto (RODRIGUES, 2001, p. 219).

Cabral (2001), ao historiar o desenvolvimento da ideia de prefixos relacionais em línguas indígenas brasileiras, acentua que:

> [...] a expressão prefixo relacional foi utilizada pela primeira vez na literatura linguística por Rodrigues (1981) para se referir a um conjunto bem definido de prefixos, que sinalizam nas línguas Tupí-Guaraní, entre outras coisas, relações de dependência e contiguidade sintática entre termos ou expressões determinantes e os núcleos por eles determinados (CABRAL, 2001, p. 233).

Sobre a flexão relacional, Rodrigues (1999) afirma que se trata de um mecanismo generalizado em línguas do tronco Macro-Jê e funciona como sendo a marcação do núcleo de sintagma nominal, verbal ou posposicional por contiguidade textual (CNT) ou não-contiguidade (NCNT) do determinante (ou dependente). Alguns dos dados apresentados por ele são os seguintes:

Panará[2]

1.

sɔ̃ti	**j-**	akoa
animal	**CNT-**	boca

'a boca do animal'

2.

s-	ɔ̃tɔ	**s-**	akoa	amã
NCNT	língua	**NCNT-**	boca	em

'a língua (de alguém) está na boca (de alguém)'

Timbíra[3]

3.

i	tɛ	pĩ.co	**j-**	ũʔkʰər
1SG	ERG.PAST	árvore.fruta	**CNT-**	comprar

'eu comprei fruta'

4.

i	tɛ	**h-**	ũʔkʰər
1SG	ERG.PAST	**NCNT-**	comprar

'eu comprei (algo)'

Ofayé[4]

5.

pikɨtɨɛn	ʃ-	ɛnʃɨh
caiman	**CNT-**	coração

'o coração do caiman'

---

[2] Os dados do Panará apresentados por Rodrigues (1999; 2001) são de Dourados. A pesquisadora transmitiu-os a Rodrigues em comunicação pessoal.

[3] Os dados do Timbíra apresentados por Rodrigues são de Popjes & Popjes (1986). Miranda (2010; 2014), em seus estudos sobre a língua Krahô, pertencente ao complexo Timbíra, descreve o tɛ como posposição e não como marca de ergatividade. Estruturas como essa possuem um verbo nominalizado, constituindo o que tem sido conhecido como forma longa do verbo, e que Miranda (2010; 2014) e Costa (2015) denomina como nomes de ação. Portanto, no exemplo (3), teríamos "a compra da fruta por mim"; e no exemplo (4), "a compra (de algo) por mim".

[4] Rodrigues extraiu de Gudschinsky (1974) os dados para exemplificar as marcas de CNT e NCNT em Ofayé.

6. **h-** ɛnʃɨh
NCNT- coração
'o coração do caiman'

Dando continuidade à sua análise, Rodrigues (1999, p. 181) sugere que a flexão relacional deve ser muito antiga no tronco Macro-Jê, tendo em vista que está também presente nas línguas amazônicas da família Tupí, bem como naquelas da família Karíb[5], e pode, portanto, ser uma característica muito remota. Contudo, ele afirma que, em algumas línguas Macro-Jê, tal flexão é apenas um vestígio de um sistema que está gradativamente desaparecendo, pois está limitado somente a algumas situações, "palavras irregulares" (no dizer do autor). Para justificar essa sua afirmação, Rodrigues exemplifica com dados do Kaingáng (dialeto falado no Paraná) e com os do Karajá:

Kaingáng (dialeto do Paraná):

7. ʔin **j-** ɔŋ **j-** apə̃
1SG **CNT-** pai **CNT-** campo
'campo do meu pai'

8. ʔ- **ɛ̃pə̃** tə
NCNT- campo em
'no campo (de alguém)

Karajá:

9. habu **l-** awɔ
homem **CNT-** canoa
'a canoa do homem'

10. **h-** awɔ
NCNT- canoa
'a canoa (de alguém)'

Para o Kipeá, Rodrigues (1999, p. 182) postula que o uso dos marcadores de contiguidade do determinante são restritos, visto que eles ocorrem somente após os pronomes pessoais: **hid dz-ebaja** (1 CNT-unha) '*minha unha*' e **e dz-ebaja** (2 CNT-unha) *'tua unha*'.

[5] Rodrigues (2009) defende a hipótese de um nexo linguístico entre o tronco Tupí, Macro-Jê e Karíb.

Ainda na tentativa de indicar resquícios do marcador de contiguidade em línguas do tronco Macro-Jê, Rodrigues (1999, p. 182) apresenta dados do Boróro contendo reflexos dos prefixos de contiguidade na alomorfia do seu paradigma de marcação de pessoa como em **i t-o** (1sg CNT-dente) *'meu dente'* e **∅-o** (NCNT-dente) *'dente dele'*. Rodrigues afirma que, para o Guató e para o Yatê, não foram encontrados marcadores de contiguidade[6].

Em seu trabalho intitulado *"Flexão relacional no tronco linguístico Macro-Jê"*, Rodrigues (2001) reforça a análise desse elemento morfológico presente em Panará e em Timbíra (ramo setentrional da família Jê), ocorrendo também em Ofayé, em Karajá e em Maxakalí, com a ampliação de exemplos. Ele apresenta novamente resquícios desse dispositivo em Kaingáng do Paraná (ramo meridional da família Jê), em Kipeá (família Karirí) e em Boróro (família Boróro), expandindo sua análise com dados também do Xavánte (língua do ramo central da família Jê).

Rodrigues (2001) desenvolveu uma importante discussão sobre as marcas de contiguidade e não-contiguidade em línguas do tronco Macro-Jê. Sua proposta de análise nos faz perceber o quanto línguas sincronicamente tão diferentes entre si podem ter em comum uma característica morfológica tão específica. Através de sua análise, conseguiu, mais uma vez, reforçar a ideia de que essas línguas possuem certo grau de afinidade genética, pois compartilham de formas gramaticais cognatas, apresentando elementos gramaticais com formas e funções semelhantes. Seu trabalho nos dá ainda condições de reconhecer estratégias de como buscar, nos próprios dados coletados e descritos por outrem, informações que embasam a hipótese de origem comum das línguas analisadas, mesmo após elas terem sofrido alterações que não foram compartilhadas umas com as outras.

Por fim, os resultados do estudo de Rodrigues (2001) demonstram um grau de plausibilidade de difícil contestação, mesmo para os casos em que há apenas resquícios de marcadores de contiguidade e não-contiguidade, como é o caso do Kaingáng, do Xavánte e do Boróro.

As explicações dadas por Rodrigues (1999; 2001), sobre as mudanças ocorridas nas línguas analisadas e a manutenção de traços característicos de estágios anteriores dessas línguas, permitiu ainda que Martins (2011) desenvolvesse uma discussão sobre a possível existência de marcadores de contiguidade e não-contiguidade em Guató, que até então não havia sido cogitada[7].

[6] Destacamos que, em 2011 e 2013, Martins apresenta resquícios das marcas de CNT e NCNT em Guató, sob orientação de Rodrigues.

[7] Ver tese de Martins defendida em 2011 sob o título "Uma avaliação da hipótese de relações

Para essa primeira amostra do trabalho de Rodrigues (1999), fica claro que as línguas consideradas aqui, com exceção do Guató e do Yatê, trabalham, ora ou outra, com sintagmas que apresentam marcas de contiguidade, como, por exemplo, o Panará, o Timbíra, o Ofayé, o Maxakalí e o Karajá. Para outras línguas, o uso desse dispositivo está restrito a determinados tipos de estruturas, indicando apenas resquícios desse tipo de flexão relacional como, por exemplo, o Kaingáng, o Kipeá e o Boróro.

2 As doze famílias do tronco Macro-Jê: a hipótese de Rodrigues

Rodrigues (1999) deixa claro que o tronco Macro-Jê ainda é uma hipótese (ou um conjunto de hipóteses inter-relacionadas) e que as tentativas de classificação requerem um trabalho mais detalhado. Contudo, afirma também que a pouca documentação de determinadas línguas e a ausência de dados de outras dificultam, e muito, o trabalho histórico-comparativo.

No estudo de 1999, Rodrigues propõe ainda uma distribuição das línguas do tronco Macro-Jê em 12 ramos, informando a distribuição geográfica das línguas que constituem cada ramo do tronco em questão e quais línguas encontram-se mortas. Para as línguas vivas, indicou também uma margem de falantes.

Ramo I – família Jê

O Ramo I é o maior do tronco Macro-Jê, formado pelas línguas da família Jê que é dividida em quatro subgrupos conforme sua distribuição regional: o primeiro subgrupo (atualmente extinto), situado no nordeste do Brasil, é formado pela língua Jaikó, que era falada possivelmente no sudeste do Piauí.

O segundo subgrupo, os Jê do norte, é constituído por cinco línguas: a primeira é a língua Timbíra e seus dialetos[8] falados nos estados do Maranhão, Pará, Tocantins (Canela, Ramkokamekrá, Canela Apanyekrá, Gavião Pykobjê, Gavião Parakatejê, Krinkatí, Krahô, Krênje), totalizando 2.800 falantes; a segunda língua é o Apinajé, falada no norte do Tocantins e possui cerca de 720 falantes; a terceira é o Kayapó, juntamente com suas variações dialetais[9] (Kiretum, Kokraimôro, Kubenkrakén, Menkrangnotí,

genéticas entre o Guató e o Tronco Macro-Jê".

[8] Conforme Miranda (2010), embora essas línguas sejam mutuamente inteligíveis, os seus respectivos falantes as consideram como línguas distintas.

[9] De acordo com Costa (2015), do ponto de vista estritamente linguístico, embora os grupos rotulados como Kayapó tenham sido considerados falantes de variedades da mesma língua, as

Mentuktíre, Xikrín), as quais são faladas na parte oriental (lado oeste) do Mato Grosso e sudeste do Pará, com aproximadamente 5.000 falantes; a quarta língua considerada nesse ramo é o Panará, cujos falantes, cerca de 160, estão distribuídos na área indígena do Panará, no norte do Mato Grosso e no sudoeste do estado do Pará; a quinta e última língua desse subgrupo é o Suyá, cujo povo situa-se no Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso, sendo que 213 falam Suyá e 58 falam Tapayuna, variação dialetal da língua Suyá.

O terceiro subgrupo, constituídos dos Jê centrais, constitui-se de quatro línguas, sendo duas extintas e duas vivas. Extintas estão o Xakriabá e o Akroá: esta se situava em Minas Gerais, e aquela na parte oriental de Goiás e sul do Maranhão. Vivas estão o Xerénte e o Xavánte: esta é falada no sudeste de Mato Grosso e possui cerca de 9.000 falantes, e aquela, o Xerénte, com aproximadamente 1.550, é falada em Tocantins.

As línguas que representam o quinto grupo da família Jê situam-se no Sudeste do Brasil: o Kaingáng, o Xokléng e o Ingaín (esta, atualmente morta). O Kaingáng é falado em São Paulo, Paraná e Santa Catarina por aproximadamente 20.000 falantes; e o Xokléng é falado em Santa Catarina por cerca de 1.650 pessoas.

Ramo II – família Kamakã

Consoante Rodrigues (1999), o ramo II é representado pela família linguística Kamakã, uma família cujos membros estão todos mortos. Segundo Rodrigues (1986), não há nenhum falante dessas línguas desde os anos 30 do século passado. Recentemente, foi desenvolvido um estudo histórico-comparativo da família Kamakã por Martins (2007), pesquisa orientada por Cabral e co-orientada por Rodrigues, no sentido de atestar as relações genéticas entre as línguas que a compõem. A partir do estudo, foi proposta uma revisão da família, a qual era formada por cinco línguas, conforme Loukotka (1932). Como resultado do trabalho, foi apresentado um quadro comparativo no qual demonstra que o Mongoyó e o Kotoxó não seriam línguas distintas e sim variações dialetais de uma mesma língua. Nesse sentido, passou-se a considerar, então, a constituição da família em quatro línguas: Kamakã, Kotoxó, Menién e Masakará e não cinco, como havia sido proposta por Loukotka (1932). Basicamente, os falantes dessas línguas situavam-se no sudeste da Bahia e norte do Espírito Santo (cf. RODRIGUES, 1986).

diferenças diatópicas existentes servem de argumento para corroborar a ideia de que se trata de povos distintos.

Ramo III – família Maxakalí

A família Maxakalí corresponde ao ramo III do tronco Macro-Jê, conforme a classificação de Rodrigues (1999). Atualmente, a única língua falada dessa família é aquela de mesmo nome – Maxakalí. Os Maxakalí habitam hoje a região nordeste de Minas Gerais e Norte do Espírito Santo.

As outras línguas que constituem a família Maxakalí – e que hoje estão extintas – são o Kapoxó, o Monoxó, o Makoní, o Malalí e o Pataxó, sendo que as quatro primeiras eram faladas no nordeste de Minas Gerais; e a última, no sudeste da Bahia, onde ainda hoje existem índios dessa etnia, mas que, infelizmente, não são mais usuários da língua.

Ramo IV – família Krenák

O ramo IV é representado pela família linguística Krenák. Ela é composta por duas línguas, o Krenák e o Guerén. A língua Krenák, conhecida também pela língua dos Botocudos, era falada nas regiões nordeste de Minas Gerais; nordeste e centro do Espírito Santo e sudeste da Bahia. Segundo Rodrigues (1999), o total de falantes que restava dessa língua não ultrapassava 10 falantes. A segunda língua, o Guerén, era falada no sudeste da Bahia.

Ramo V – família Purí

A família Purí é uma das que se encontra hoje extinta e, conforme Rodrigues (1999), é constituída por três línguas, Purí, Koropó e Coroado, sendo que a primeira era falada no Espírito Santo, no Rio de Janeiro, nordeste de São Paulo e sudeste de Minas Gerais, enquanto que as duas últimas eram faladas somente no Espírito Santo.

Ramo VI – família Karirí

Conforme Rodrigues (1999), nenhuma das quatro línguas dessa família está viva. As línguas mortas que compõem essa família são Kipeá ou Kirirí, cujos falantes habitavam o nordeste da Bahia e Sergipe; o Dzubukuá, o qual era falado nas ilhas do rio São Francisco e no norte da Bahia; o Sabuyá, falado na região central da Bahia; e o Kamurú, localizado no lado oeste do estado da Bahia.

Ramo VII – família Yatê

É uma família de uma língua só – Yatê. Os falantes da língua Yatê se autodenominam Fulniô, também conhecidos como Carnijó. Estão localizados em Pernambuco e somam cerca de três mil indígenas (RODRIGUES, 1999).

Ramo VIII – família Karajá

Assim como a família Yatê, a família Karajá forma um conjunto unitário, subdividida em suas variações dialetais: Karajá do Sul, Karajá do Norte, Javaé e Xambioá, as quais são faladas por cerca de 2.900 índios. Os índios Karajá habitam a parte oriental de Mato Grosso e a parte ocidental de Tocantins (RODRIGUES, 1999).

Ramo IX – família Ofayé

Essa família é formada apenas por uma língua de mesmo nome – Ofayé. Também conhecida como Ofayé-Xavánte, localizada na região oriental de Mato Grosso do Sul (RODRIGUES, 1999).

Ramo X – família Boróro

A família é composta por quatro línguas: o Boróro Oriental, o Boróro Ocidental, o Umutina e o Otúke, sendo que apenas a primeira ainda possui falantes nativos, os quais estão localizados no sul do Mato Grosso (RODRIGUES, 1999).

Ramo XI – família Guató

É uma família de uma língua só. O Guató é falado no sudeste de Mato Grosso. A estimativa é que existem apenas cinco falantes dessa língua (RODRIGUES, 1999).

Ramo XII – família Rikbáktsa

Baseando-se ainda nas informações de Rodrigues (1999), a família Rikbáktsa possui apenas uma língua, o Rikbaktsá, falada na região norte de Mato Grosso, por cerca de 990 indígenas.

2.1 Algumas considerações acerca do tronco Macro-Jê e indicações de possíveis afinidades genéticas dele com Tupí e Karíb - hipótese de Rodrigues

Em Rodrigues e Cabral (2007), é acentuado que a hipótese da origem comum de todas as famílias linguísticas reunidas sob o rótulo Macro-Jê ainda está longe de uma comprovação cabal. Em 2010, Cabral et. al. ressalta que os desafios que essa hipótese representa são de naturezas distintas. Por um lado, há falta de documentação das línguas em questão, como acentuado por Rodrigues e Cabral (2007); por outro lado, trata-se, muito provavelmente, de um tronco cujo desmembramento teria se dado durante uma história com maior profundidade temporal do que a dos grandes agrupamentos consolidados como o tronco Tupí, a família Karíb e a família Aruák.

Há ainda a possibilidade de possíveis efeitos de contato dos povos Macro-Jê com outros de origens genéticas distintas, dada a separação geográfica em que se encontram na atualidade e que refletem longas migrações em raios que somam até mais de 3.500 km de extensão, como é o caso de uma única família, a família Jê, cujos representantes localizam-se em pontos distantes como no extremo norte do estado do Maranhão, no estado do Pará, no estado Tocantins, no estado de Mato Grosso, no estado de Goiás e nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio grande do Sul (CABRAL, 2010).

Sabe-se que migrações em grandes áreas como essas propiciam normalmente encontros em que as línguas em contato podem não só receber os mais diferentes tipos de interferência como podem ser a fonte de interferências em outras línguas, e os dois casos são possibilidades que não podem ser descartadas em se tratando das várias famílias propostas como sendo do tronco Macro-Jê. Há ainda o grave problema causado pela falta de documentação de línguas extintas e que foram minimamente documentadas.

Para postular um tronco Macro-Jê, os estudiosos, já citados neste artigo, notaram semelhanças no âmbito da fonologia, do léxico e de alguns aspectos morfossintáticos entre as línguas que supostamente pertencem a esse tronco; no entanto, o conjunto de trabalhos produzidos até hoje ainda não configura prova cabal que legitime cientificamente a existência de um tronco Macro-Jê, como propõe Rodrigues (1999). Isso ocorre, porque, das muitas línguas ainda vivas, não se têm uma boa descrição; das extintas, pouquíssimos são os registros e, quando estes existem, boa parte foi mal documentada, isto é, não são informações adequadas para desenvolver um bom estudo comparativo, salvo raras exceções (RODRIGUES, 1986; 1999).

Por fim, para além da hipótese de um tronco Macro-Jê constituído por 12 famílias linguísticas, Rodrigues contribuiu também com estudos que demonstraram uma possível relação genética entre o tronco Tupí, a família Karíb e o tronco Macro-Jê:

> Em sua comunicação na Reunião da Associação Brasileira de Antropologia realizada em Recife, em 1978, Rodrigues apresentou as primeiras correspondências lexicais entre Macro-Jê e Tupí, correlacionando dados do Kaingáng (família Jê) a dados do Tupinambá (família Tupí-Guaraní). No mesmo ano, na reunião da American Antropological Association, numa comunicação sobre relações entre o tronco linguístico Tupí e a família Karíb, apresentou as seguintes reconstruções envolvendo Tupí e Macro-Jê: *uŋ^{w} 'pai' : PTG *uβ, Kaingáng joŋ, Boróro ogwa; *oŋ^{w} 'envolver' : PTG *a-oβ, Boróro ogwa; *wereŋ^{w} 'voltar' : PTG *jereβ, Boróro kirimi, (Kaingáng wĩrĩn); *woro 'papagaio' : PT *(a)woro, Boróro korao; *wot 'pescoço' : PT *wot, Boróro ko; *wap 'partir, rachar' : PT *wap, Boróro kwa, ka; *k'e 'dizer' : PT *k'e, kaingáng ke; *k'u 'comer, beber' : PT *k'u, Kaingáng ko, Boróro ko 'comer'; *p'or 'cheio' : PT *p'or, Kaingáng ɸɔr; *pir 'pele' : PTG *pir, Kaingáng ɸɨr, Boróro biri (CABRAL; RODRIGUES, 2010, p. 116-117).

Como se pode constatar, desde 1978, Rodrigues anuncia resultados de estudos comparativos que possibilitam reunir, num agrupamento mais abrangente, o tronco Tupí e o tronco Macro-Jê, ao verificar correspondências lexicais e fonológicas entre uma língua Jê e uma língua Tupí, bem como evidências gramaticais que sustentassem a sua hipótese. A característica gramatical em comum que reforçou a hipótese de Rodrigues (1978; 1985; 2009 [1995 ms]) foi a existência de prefixos relacionais nas línguas comparadas.

Em 1985, Rodrigues, em seu artigo *Evidence for Tupí-Carib relationships* demonstra, por meio de estudo comparativo, afinidade genética entre o tronco Tupí e a família linguística Karíb.

Em 2009, Rodrigues reúne as evidências de seus trabalhos de 1978 e 1985 e discute em *A case of affinity among Tupí, Karíb, and Macro-Jê* a existência de nexo entre os dois troncos (Tupí e Macro-Jê) e a família Karíb. Para a comparação, além das línguas já utilizadas nos estudos anteriores (1978; 1985), Rodrigues amplia o número de línguas, sobretudo, do tronco Macro-Jê: família Jê (Timbíra, especificamente o dialeto denominado Canela, Panará), família Karajá (Karajá), família Ofayé (Ofayé), família Karirí (Kipeá) e Boróro (família Boróro).

Nesse estudo, Rodrigues reúne evidências de compartilhamento de um padrão morfossintático encontrado nas línguas supracitadas[10], com línguas do Tronco Tupí: Tupinambá, família Tupí-Guaraní; Tuparí, família Tuparí; e Mawé, família Mawé e com línguas da família Karíb (Hixkaryána, Taurepáng e Arára) o que sugere também certo grau de relacionamento genético entre esses três grandes agrupamentos linguísticos.

> […] although there is not yet enough lexical comparative data for establishing regular phonological correspondeces among Macro-Jê on the hand and Tupí Karib on the other (for the later two with one another a first list of regular correspondeces was contributed in Rodrigues, 1985) (RODRIGUES, 2009, p. 159).

Em 2010, Cabral e Rodrigues reúnem as correspondências lexicais apresentadas por Rodrigues (1978; 1985) e acrescentam outras, tendo como base a reconstrução dos fonemas do Proto-Tupí (RODRIGUES, 2005; 2007), as listas de cognatos Macro-Jê apresentadas em Rodrigues (1999), em Cabral e Rodrigues (2005), reconstruções gramaticais propostas por Cabral (2003), Rodrigues e Cabral (2004; 2007) e Rodrigues, Cabral e Correa da Silva (2006). O quadro, apresentado por Cabral e Rodrigues (2010), reúne 47 etimologias, que inclui verbos que indicam ações elementares e nomes de elementos da natureza, de grau de parentesco, de partes do corpo humano, de cultura material e pronomes pessoais.

[10] Trata-se da existência de prefixos relacionais.

3 Estudos histórico-comparativos recentes acerca do tronco Macro-Jê: mais contribuições de Rodrigues[11]

Além dos estudos individuais de Rodrigues na construção da hipótese de um tronco Macro-Jê constituído por 12 famílias linguísticas, o pesquisador desenvolveu e publicou trabalhos em co-autoria sobre esse assunto, principalmente, com Ana Suelly Arruda Câmara Cabral[12].

Estudos para identificar possíveis afinidades genéticas entre famílias linguísticas do tronco Macro-Jê continuaram sendo desenvolvidos como, por exemplo, Cabral e Rodrigues (2007) que apresentam dados comparativos de um projeto que visa à revisão e à coordenação dos resultados de estudos ou observações anteriores, tanto em famílias particulares quanto sobre o tronco Macro-Jê como um todo, e uma nova comparação de dados antigos e novos em busca de evidências lexicais para a hipótese sobre esse tronco. Nesse trabalho, Cabral e Rodrigues (2007) ampliam a quantidade de 39 prováveis cognatos apresentados por Rodrigues (1999) para 46.

---

[11] Para além das contribuições de Rodrigues e de pesquisadores associados ao LALLI-UnB, outros trabalhos sobre o tronco Macro-Jê foram desenvolvidos. Em 2010, houve a defesa de uma dissertação de mestrado, orientada por Wilmar da Rocha D'Angelis, na qual o autor apresenta uma proposta de reconstrução fonológica e lexical com base na análise comparativa de dados das línguas que formam o sub-ramo meridional da família Jê: Xokléng, Kaingáng, Kaingáng Paulista e Ingaín (JOLKESKY, 2010). Também em 2010, foi publicado na revista IJAL um estudo comparativo produzido por Eduardo Rivail Ribeiro juntamente com Hein van der Voort. Trata-se de um estudo comparativo, envolvendo as formas reconstruídas por van der Voort (2007) para o Proto-Jabutí e as formas reconstruídas do Proto-Jê por Ribeiro (uma reanálise das proto-formas reconstruídas por Davis, 1966). No artigo, Ribeiro e van der Voort (2010) defenderam a proposta de inclusão da família Jabutí (constituída pelas línguas Arikapú e Djeoromitxí) dentro do tronco Macro-Jê. Tal proposta, como os próprios autores relatam, já havia sido sugerida por Nimuendajú (2000, [1945]) e foi mantida por Greenberg (1987). Nesse mesmo trabalho, Ribeiro e van der Voort (2010) sugerem que a língua Guató seja excluída do tronco Macro-Jê (por falta de maiores evidências de sua permanência no tronco) e indicam ser favoráveis à inclusão do Chiquitano, visto que os estudos realizados por Santana (2006) e Adellar (2008) possibilitam cogitar essa hipótese. Destaca-se, contudo, que a hipótese de Rodrigues (1986; 1999) diverge daquelas em que o Guató não seja um membro do tronco Macro-Jê, bem como da hipótese em que inclui no tronco o Jabutí e o Chiquitano. Embora não tenha deixado registrado explicitamente suas considerações sobre as hipóteses levantadas por Ribeiro e van der Voort (2010), Rodrigues segue até 2014 (ano de seu falecimento), tanto em suas apresentações de trabalhos quanto em pesquisas desenvolvidas sob sua orientação ou co-orientação, mantendo e reforçando sua hipótese de um tronco constituído por 12 famílias: Jê, Kamaká, Maxakalí, Krenák, Purí, Karirí, Yathê, Karajá, Ofayé, Boróro, Guató e Rikbáktsa.

[12] Professora da Universidade de Brasília, vice-coordenadora do Núcleo de Estudos sobre a Amazônia (NEAZ) do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM), e coordenadora do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) do Instituto de Letras da mesma Universidade.

Martins (2007), em sua dissertação de Mestrado[13], realizou uma revisão da família linguística Kamakã, proposta por Chestmir Loukotka (1932). Com esse estudo, realizado à luz do Método Histórico-Comparativo, foram reorganizados os dados existentes, visando à demonstração das correspondências lexicais e fonológicas entre as línguas comparadas, que não foram tratadas sistematicamente no trabalho de Loukotka. Esse estudo permitiu, por um lado, confirmar a validade da proposta de Loukotka e, por outro lado, pôr em evidência as correspondências lexicais e fonológicas entre o Masakará e as demais línguas, por ela ser mais diferenciada em relação às outras. Finalmente, o estudo permitiu a elaboração de um modelo arbóreo para a família linguística Kamakã.

Em 2007, foi apresentada também uma dissertação[14] de mestrado que tinha como objetivo realizar a revisão da família linguística Purí (SILVA NETO, 2007). Foi nesse estudo que obtivemos a normalização dos dados existentes das línguas Purí, Coroado e Koropó, além de atestar a validade da classificação apresentada por Loukotka (1937). Foi verificado também que a língua Koropó é um parente mais distanciado das outras línguas que compõem a família.

Em 2008, foram apresentados por Martins os resultados de estudos comparativos sobre as famílias Kamakã (MARTINS, 2007) e Purí (SILVA NETO, 2007) com o propósito de identificar as formas correlatas e determinar as correspondências fonológicas e semânticas entre elas. Nesse trabalho, discutiu-se também em que medida os estudos comparativos recentes realizados sobre as duas famílias contribuem para a hipótese de um tronco linguístico Macro-Jê. Para tanto, realizou-se uma comparação com a reconstrução do Proto-Jê de Davis (1966). Em 2009, Ribeiro desenvolveu um estudo no qual identifica relações genéticas entre as famílias Kamakã, Purí e Krenák.

Ainda em 2009, Camargos et al. (2009) desenvolveram um estudo comparativo de construções causativas das línguas Boróro (família Boróro), Krahô, Apinajé, Xikrín (família Jê, ramo setentrional) e Rikbáktsa (família Rikbáktsa). Na ocasião, foram apresentadas as construções causativas dessas línguas e foram identificadas as características semelhantes entre elas no que diz respeito à forma do morfema causativo e o seu funcionamento nas línguas comparadas. Os resultados da análise revelaram que as línguas

[13] Dissertação orientada pela professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e co-orientada por Rodrigues.

[14] Dissertação também orientada pela professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e co-orientada por Rodrigues.

em questão possuem formas cognatas de um mesmo morfema causativo de possível origem verbal, e que, em algumas línguas, co-existem os dois reflexos, o morfológico e o sintático; já em outras, apenas o morfológico e, ainda, em outras, apenas o lexical sintático. Esse estudo mostrou também que as similaridades compartilhadas por línguas de famílias bastante diferenciadas, como a Rikbáktsa e a Jê, reforçam a hipótese de parentesco genético entre elas.

Em 2010, Cabral et al. apresentaram, como amostra do trabalho que vem sendo realizado, alguns conjuntos de possíveis cognatos propostos com base nas semelhanças de forma fonológica e de significado e buscaram identificar regularidade nas correspondências fonéticas. As línguas fontes dos dados utilizados naquela ocasião para a comparação de natureza histórica foram o Rikbáktsa, o Boróro e o Kaingáng. Vale ressaltar que esse trabalho comparativo possibilitou a ampliação de cognatos entre algumas das línguas do tronco Macro-Jê que eram de 46 (CABRAL; RODRIGUES, 2007) para 75 cognatos.

Em 2011, Martins defende a tese *Uma avaliação da hipótese de relações genéticas entre o Guató e o tronco Macro-Jê* sob a orientação de Rodrigues e co-orientação de Cabral. O estudo teve como propósito avaliar a consistência da hipótese levantada por Rodrigues (1986) sobre a possibilidade de a língua Guató ser um membro do tronco Macro-Jê. O trabalho se justificou pela necessidade de ampliar os indícios que sustentariam ou refutariam a hipótese em andamento. Tratou-se de um estudo fundamentado nos dois requisitos básicos requeridos pelo Método Histórico-Comparativo: (1) identificação de correspondências sonoras regulares em palavras pertencentes ao vocabulário básico e (2) identificação de características gramaticais compartilhadas entre as línguas para as quais se postula uma origem comum. Dessa forma, foi realizada a comparação dos dados disponíveis do Guató com línguas de diferentes famílias linguísticas pertencentes ao tronco Macro-Jê. Como resultados da análise, encontraram-se novos indícios fonológicos, lexicais, morfológicos e funcionais que favoreceram a hipótese de Rodrigues (1986) de que a língua Guató constitui sozinha uma família linguística, e esta representa uma das ramificações do agrupamento genético conhecido como tronco Macro-Jê.

Em 2013, Martins desenvolveu um estudo acerca das informações disponíveis em Palácio (1984) que apontam para a existência remota de um padrão ergativo na língua Guató e que, devido a rearranjos estruturais sofridos ao longo do tempo, apenas alguns indícios desse alinhamento foram mantidos. Cogitou-se, portanto, que uma possível marca de ergatividade

que se combinava com agentes tenha desaparecido por conta das mudanças ocorridas na língua, mas foi sugerido que a marca atual de terceira pessoa singular de verbo transitivo pode ter sido, no passado, o morfema que marcava o agente em construções transitivas. Para tanto, considerou-se que esse morfema teria sobrevivido apenas na terceira pessoa que, por sua vez, possivelmente não possuía forma fonológica, propiciando uma suposta reanálise do marcador de agente como uma marca de terceira pessoa. Por fim, desenvolveu também a hipótese de que o atual morfema de concordância de terceira pessoa de verbos transitivos do Guató seria cognato de um morfema analisado por outros pesquisadores, na ocasião, como marca de ergatividade presente em línguas do tronco Macro-Jê.

Como última orientação de Rodrigues e sob a co-orientação de Cabral, Camargos (2013) defendeu a tese *Consolidando uma proposta de Família Linguística Boróro: contribuição aos estudos histórico-comparativos do Tronco Macro-Jê*. O trabalho foi realizado também à luz do Método Histórico-Comparativo e consistiu na comparação de dados lexicais e gramaticais das línguas Bororó, Umutína e Otúke. A comparação lexical, que tomou como referência 176 etimologias com dados das três línguas, permitiu a identificação de correspondências sonoras e de significado que fundamentaram a hipótese de Rodrigues (1999) de uma família Boróro constituída de cinco membros.

A comparação contribuiu também para o avanço da hipótese de um agrupamento genético Macro-Jê: foram considerados dados gramaticais das línguas Boróro, Umutína e Otúke, os quais, somados aos dados sonoros, resultaram em provas suficientes para a hipótese de que estas línguas têm uma origem comum, o Proto-Boróro. Os dados analisados sugerem que o Otúke é mais próximo das línguas Kuruminaka e Kovareka e que estas três línguas são mais próximas do Boróro que do Umutína.

Considerações finais

Como vimos até aqui, a hipótese de um tronco linguístico Macro-Jê teve várias configurações ao longo dos anos, desde a sua primeira proposta. Sendo assim, é fácil supor que muitas classificações divergentes só reforçam a ideia de que esse tronco ainda é uma hipótese de trabalho em andamento, como bem enfatizou Rodrigues em seus trabalhos acerca desse agrupamento linguístico.

Verificamos, ao recontar a história de classificação, inclusão e exclusão de línguas nesse tronco, que os esforços empreendidos, até o dado momento,

não foram suficientes para o estabelecimento de uma hipótese única sobre a constituição do tronco Macro-Jê, uma vez que há informações que convergem e outras que divergem a respeito desse agrupamento genético, sendo a de Rodrigues a que possui maior consistência e confiabilidade, o que a torna aceitável pela maioria dos estudiosos da área.

Conforme argumentação de Rodrigues (1986; 1999), a falta de mais estudos comparativos e a ausência de dados para realizá-los se apresentam como grandes obstáculos para a possibilidade de avanço de qualquer hipótese. Aliado a isso, estamos certos de que a profundidade temporal que separa as línguas desse tronco é relativamente maior do que aquela esperada para o tronco Tupí, tornando o trabalho de comparação de línguas e comprovação de qualquer relacionamento genético mais difícil de ser produzido. Mesmo diante dessa realidade, demonstramos o quanto avançamos na sistematização de dados linguísticos e na proposta de organização do tronco Macro-Jê, a partir da intervenção direta e indireta de Rodrigues, nos estudos realizados sobre esse agrupamento nas últimas décadas. Nesse sentido, mesmo que o tronco Macro-Jê seja ainda considerado uma hipótese de trabalho em andamento, os resultados obtidos pelas pesquisas empreendidas por Rodrigues e por seus seguidores têm fortalecido a sua hipótese de um agrupamento genético constituído por 12 famílias linguísticas: Jê, Kamakã, Maxakalí, Krenák, Purí, Karirí, Yatê, Karajá, Ofayé, Boróro, Guató e Rikbáktsa. Por tudo isso, é inegável a contribuição de Rodrigues para a ampliação do conhecimento da classificação genética de línguas indígenas brasileiras, para o entendimento da história dessas línguas e da pré-história dos povos que falaram e dos que continuam falando línguas desse agrupamento genético.

Referências

ADELAAR, W. Relações Externas do Macro-Jê: O Caso do Chiquitano. In: Stella Telles & Aldir S. de Paula (Org.). **Topicalizando Macro-Jê**. Recife: NECTAR, 2008, p. 9-28.

BOSWOOD, J. **Evidências para a inclusão do Aripaktsá no Filo Macro-Jê**. Publicações do Summer Institute of Linguistics, Brasília-DF, Série Linguística, 1973.

BRINTON, D. Lista vocabular de línguas Arawak, Tapuia, Tupi e Kiriri. In: **The american race**. Arquivo do Setor Linguístico do Museu Nacional, RJ, 1891.

CABRAL, A.S.A.C. Flexão relacional na família Tupí-Guaraní. In: **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, Fortaleza, n. 25, p. 233-262, 2000.

_____. **Grammatical changes in Tupí languages**. Trabalho apresentado na Reunião da linguistic Society of America, Atlanta, 2003.

CABRAL, A. S. A. C. et. al. O Rikbáktsa no tronco Macro-Jê. In: XXV ENANPOLL: 25 anos de ENANPOLL - memórias e perspectivas. **Anais.** UFMG, 2010.

CABRAL, A.S.A.C. & RODRIGUES, A.D. O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupí-Guaraní. In: RODRIGUES, A.D.; CABRAL, A.S.A.C. (Org.). **Novos Estudos sobre Línguas Indígenas**. Brasília: Editora da UnB, 2005, p. 47-58.

_____. Explorando a hipótese de Rodrigues sobre possíveis conexões genéticas Tupi e Macro-Jê. In: AMADO (Org.) R. de S. **Estudos em Línguas e Culturas Macro-Jê**. São Paulo: Paulistana, 2010, p. 115-142.

CAMARGOS, L.S. **Consolidando uma proposta de família linguística Boróro:** contribuição aos estudos histórico-comparativos do tronco Macro-Jê'. Tese de Doutorado. Brasilía: Universidade de Brasília: 2013.

CAMARGOS, L.S. et al. Causativização em línguas do tronco Macro-Jê: primeiras aproximações. In: XII Simpósio Nacional de Letras e Linguística e II Simpósio Internacional de Letras e Linguística. **Anais.** Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2009.

COSTA, L.S. da. **Uma descrição lexical da língua Xikrín do Cateté (Família Jê, Tronco Macro-Jê)**. Tese (Doutorado). Brasília: Universidade de Brasília-UnB, 2015.

DAVIS, I. Comparative Jê phonology. **Estudos Lingüísticos***:* Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada, p.10-24, 1966.

_____. Some Macro-Jê relationships. **International Journal of American Linguistics**, vol. 34, p. 42-47, 1968.

EHRENREICH, P. **Die Einteilung und Verbreitung der Voelkerstaemme Brasiliens nach den gegenwaertigen Stande unserer Kenntnisse.** Petermanns Mitteilungen, v. 37, p. 81-89; 114-124, 1891.

GREENBERG, J. **Language in the Americas**. Stanford University Press, 1987.

GUDSCHINSKY, S.C. Ofaié-Xavánte, a Jê language. **Estudos sobre línguas e culturas indígenas**. Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL), 1971, p.1-16.

GUÉRIOS, R.F.M. O nexo lingüístico Bororo/Merrime-Caiapó (contribuição para a unidade genética das línguas americanas). **Revista do Círculo de Estudos "Bandeirantes"**, v. 2., p. 61-74. Curitiba, 1939.

HAMP, E. P. On Maxakalí, Karaja, and Macro-Jê. **International Journal of American Linguistics (IJAL)**. Bloomington, Indiana. v.35, n.3, p.268-270, 1969.

JOLKESKY, M.P. de V. **Reconstrução fonológica e lexical do Proto-Jê Meridional**. Dissertação (Mestrado). Campinas: Unicamp, 2010.

KAUFMAN, T. Language History in south of America: what we know to know more. In: Payned, D. L. **Amazonian Lingüistics** – studies in lowand South American Languages. Austin: Univerity of texas Press, 1990.

_____. **The native languages of South America**. London: Routledge, 1994, p. 14-25; 46-76.

LOUKOTKA, Čestmir. La familia lingüística Mašakalí. **Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán**, v. 2, p. 21-47, 1931.

_____. La família Kamakan del Brasil. **Revista del Instituto de Etnologia de la Universidad Nacional de Tucumãn**, Tomo II, p. 493-524, 1932.

_____. Clasificación de las lenguas sudamericanas. **Lingüística sudamericana**, 1, Praga. 1935.

_____. La familia linguística Coroado. **Journal de la Société des Américanistes de Paris**, v. 29, p. 157-214, 1937.

_____. A língua dos Patachós. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo**, v. 55, p. 5-15, 1939a.

_____. Klassifikation der südamerikanischen Sprachen. **Zeitschrift für Ethnologie**, v. 74, p.1-69, 1939b.

_____. Klassifikation der suedamerikanischen Sprachen. **Zeitschrift fuer Ethnologie**, v. 74, p. 1-69, 1942.

_____. Sur la classification des langues indigenes de l'Amérique du Sud. XXVIII Congresso Internacional de Americanistas **Anais**. p. 193-199, Paris,1948.

_____. Les Indiens Botocudo et leur langue. **Lingua Posnaniensis**, v. 5, 1955, p. 112-135.

_____. Classification of South American Indian Languages. **Reference Series**, v. 7. Los Angeles: Latin American Centre, University of California. 1968.

MARTINS, A.M.S. **Revisão da família linguística Kamakã proposta por Chestmir Loukotka (1932)**. Dissertação (Mestrado). Brasília: UnB, 2007.

_____. Um estudo comparativo-lexical das famílias Kamakã e Purí. In: BRAGGIO, S.L.B.; SOUSA FILHO, S.M. de**. Línguas e culturas Macro-Jê**. Goiânia: Vieira, 2009, p. 231-238.

_____. Alguns dos resultados da revisão da família linguística Kamakã proposta por Chestmir Loukotka (1932). In: AMADO, R. de Sá. **Estudos em línguas e culturas Macro-Jê**. São Paulo: Paulistana, 2010, p. 143-156.

_____. **Uma avaliação da hipótese de relações genéticas entre o Guató e o tronco Macro-Jê.** Tese (Doutorado). Brasília: UnB, 2011.

_____. O morfema ɛ do Guató: de uma possível marca de ergatividade a uma marca de concordância. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 5, n. 02, dez./2013. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, pp. 435-451, 2013.

MARTIUS, Karl F. Ph. von. **Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas, zumal Brasiliens**. 2 vols. Leipzig, 1863.

_____. **Wörtersammlung Brasilianisher Sprachen. Glossaria Linguarum Brasiliensium. Glossarios de diversas línguas e dialetos, que fallao os índios do imperio do Brazil**. Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens, II. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867.

MASON, J.A. The languages of South American Indians. In: Julian H. Steward (Ed.), **Handbook of South American Indians**, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, v. 6, p. 157-317, Washington, D.C. 1950.

MIRANDA, M.G. **As nominalizações na sintaxe da língua Krahô (Jê).** Dissertação (Mestrado). Brasília: Universidade de Brasília-UnB, 2010.

_____. **Morfologia e Morfossintaxe da Língua Krahô (Família Jê, Tronco Macro-Jê)**. Tese (Doutorado). Brasília: Universidade de Brasília-UnB, 2014.

POPJES, J.; POPJES J. Canela-Krahô. In: DERBYSHIRE, D.C.; PULLUM, G.K. (Eds.). **Handbook of Amazonian Languages**, v. 1. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986, p. 99-128.

RIBEIRO, E.R. Old data, new cognates: the case of the 'marker of alienable possession in the Kamakã, Purí, and Krenák families. **Cadernos de Etnolingüística,** (ISSN 1946-7095), Serie Notas, n. 2, dez./2009.

RIBEIRO, E.R.; VOORT, H. van der. Nimuendajú was right: the inclusion of the Jabutí language family in the Macro-Jê stock. In: **IJAL**. University of Chicago, v. 76, n.4. October, 2010, p. 517-570.

RIVET, P. **Langues del' Amérique du Sud et des Antilles**. In: MEILLET, A.; COHEN, M. (Org.) Les Langues du Monde. Paris, 1924. p. 639-712.

RODRIGUES, A.D. Línguas ameríndias. **Grande Enciclopédia Delta-Larousse**. Rio de Janeiro, 1970, p. 4034-4036.

_____. **Kaingáng e Tupinambá***:* evidências de parentesco genético? Unpublished paper read in the Meeting of the Associação Brasileira de Antropologia, Recife, 1978.

_____. Evidence for Tupí-Carib Relationships. In: KLEIN, H.E.M.; STARK, L.R. (Org.). **South American Indian Languages**: Retrospect and Prospect. Austin: University of Texas Press, 1985, p. 371-404.

_____. **Línguas brasileiras***:* para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

_____. Uma hipótese sobre a flexão de pessoa em Boróro. In: 45ª. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, v. II. **Anais.** Recife: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1993, p. 507.

_____. Macro-Jê. In: DIXON, R.M.W. & AIKHENVALD, A.Y. (Org.). **The Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999**,** p. 164-206.

_____. Ge-Pano-Carib x Jê-Tupí-Karíb: sobre relaciones linguísticas prehistóricas em Sudamérica. In: Congresso de Lenguas Indígenas de Sudamérica, I, 2000, Lima. **Actas**... Lima: Universidad Ricardo Palma, 2000. vol.1, pp. 95-104.

_____. Flexão relacional no tronco linguístico Macro-Jê. **Boletim da Associação Brasileira de Linguísticas (ABRALIN)**, Fortaleza, vol. 25, p. 219-231, 2001.

_____. Para o estudo histórico-comparativo das línguas Jê. In: SANTOS, L. dos; PONTES, I. (Org). **Línguas Jê:** estudos vários. Londrina: Ed Vel, 2002.

_____. As vogais orais do Proto-Tupí. In: RODRIGUES, A.D.; CABRAL, A.S.A.C. (Org.). **Novos estudos sobre línguas indígenas**. Brasília: Editora da UnB, 2005, p. 35-46.

_____. O parentesco genético das línguas Umutína e Boróro. In: RODRIGUES, A.D. & CABRAL, A.S.A.C. (Org.). **Línguas e Culturas Macro-Jê**. Brasília: Universidade de Brasília: Finatec, 2007a.

_____. As consoantes do Proto-Tupí. In: RODRIGUES, A.D.; CABRAL, A.S.A.C. (Org.). **Línguas e culturas Tupí**, v. 1. Brasília: Editora da UnB, 2007b, p. 167-203.

_____. A case of grammatical affinity among Tupí, Karíb and Macro-Jê. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 1, n. 1, jul./ 2009. Brasília: Universidade de Brasília, Laboratório de Línguas Indígenas, p. 137-162, 2009.

RODRIGUES, A.D.; CABRAL, A.S.A.C. **The alignment system of Proto-Tupí. A contribution to the study of ergativity in Amazonia**. 3º Encontro do Projeto Ergatividade na Amazônia. CNRS/IRD, Paris, França, 2004.

_____. Através do Léxico Macro-Jê: em busca de cognatos. In: RODRIGUES, A.D.; CABRAL, A.S.A.C. (Org.). **Línguas e culturas Macro-Jê.** Brasília: Universidade de Brasília, 2007, p. 175-179.

RODRIGUES, A.D.; CABRAL, A.S.A.C.; CORREA da SILVA, B. C. Evidências linguísticas para a reconstrução de um nominalizador de objeto **-mi- em Proto-Tupí. **Estudos da Lingua(gem**), Vitória da Conquista, v.4, n.2, p. 21-39, 2006.

SANTANA, A.C. **Comparações preliminares entre a língua Chiquitano (Brasil/Bolívia) e o Proto-Jê**. Paper presented at the Symposium "Advances in Native South American Historical Linguistics" at the Fifty-second International Congress of Americanists, Seville, 2006.

SCHMIDT, W. **Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erder**. Heidelberg: C. Winter, 1926.

SILVA NETO, A.P. da. **Revisão da classificação da família linguística** *Purí*. Dissertação (Mestrado). Brasília: Universidade de Brasília – UnB, 2007.

SWADESH, M. **Mapas de clasificación linguística de México y las Américas**. México: Universidade Nacional Autónoma de México, 1959.

STEINEN, K. Von den. **O Brasil Central**. Expedição em 1884 para a exploração do rio Xingú. Tradução de C. Baratz Cannabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1886] 1942.

VOORT, H. van der. Proto-Jabutí: Um primeiro passo na reconstrução da língua ancestral dos Arikapú e Djeoromitxí. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas 2**, n. 2, p. 133–68, 2007. Disponível em: <http://www.museu-goeldi. br/editora/bh/artigos/chv2n2_2007/Proto(voort).pdf> ou <http://www.scielo.br/bgoeldi>. Acesso em: 10 jul. 2015.

O tronco Macro-Jê: hipóteses e contribuições de Aryon Dall'Igna Rodrigues
Andérbio Márcio Silva Martins,
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral,
Maxwell Gomes Miranda,
Lucivaldo Silva da Costa
Lidiane Szerwinsk Camargos
Recebido em 31/07/2015
Aprovado em 15/10/2015